



Manifesto:

Pela Universidade, Autonomia e Cultura Democrática

Somos um grupo de docentes de todas as faculdades da U.Porto que desde há oito anos, com o empenho e a lealdade que se nos reconhece, trabalhamos no Conselho Geral, como o fazemos nas nossas faculdades, nos nossos departamentos ou nas nossas unidades de investigação, pela construção de uma Universidade fundada na diversidade dos saberes e das formações, na intrínseca dignidade de cada um deles, e na democracia institucional.

Não somos uma lista de tendência, de pequeno grupo ou que se estruture em torno de uma liderança individual: somos uma candidatura de académicos com perfis diversificados e uma leitura plural do mundo, mas que partilham compromissos muito claros e uma transparência na forma como nos posicionamos e como procuramos consensos. Batemo-nos por processos democráticos de decisão e eleição e não achamos que eles sejam obstáculos à eficácia. A democracia não é um problema: ela é a solução, é ela que potencia a criatividade e a inovação. Só com ela se assegura a dignidade da Universidade.

O nosso trabalho é conhecido de todos. Como o é, desde 2009, a nossa firme oposição às tendências de centralização e de diminuição da participação democrática na vida institucional que o RJIES então anunciava e os estatutos da U.Porto, na sua versão primeira, vieram reforçar. Sem ambiguidades, comprometemo-nos há quatro anos a revogar um regulamento orgânico que fora aprovado pelo Conselho Geral e que, eivado de uma lógica profundamente centralizadora que esvaziava a autonomia das unidades orgânicas, havia dividido e crispado a nossa Universidade. Foi por nossa iniciativa que ele foi revogado.

Esse permanece o compromisso que se volta a estabelecer com esta nova candidatura. Ela apresenta-se renovada pela energia dos novos protagonistas que connosco querem partilhar a sua experiência e a sua capacidade e que assumem este compromisso com uma universidade democrática e plural que tantos defenderam na (e para) a U.Porto, ao longo de várias décadas. É do seu legado que nos orgulhamos.

*Mas também nos orgulhamos desta lista: **12 faculdades**. Sim, **12 faculdades diferentes na lista de candidatos efetivos**. Sim, é mesmo assim: 12 faculdades, pequenas e grandes, que fazem única a diversidade da nossa Universidade. Fizemos questão de ter **12 na lista de efetivos**.*

*E, finalmente, sim, temos também orgulho nisto: **12 homens, 12 mulheres**. Paridade de género nas candidaturas. É preciso **ser** uma universidade europeia.*

A nossa candidatura assenta em sete compromissos.

1. A defesa da *diversidade* institucional, do *pluralismo* e da *participação* como fundamentos da *cultura democrática* da Universidade do Porto. A convicção de que essa cultura é o alicerce do que *significa* viver e trabalhar numa Universidade. Queremos uma Universidade plural e flexível, fundada numa *cultura democrática*, que respeita e se

orgulha da sua diversidade, onde a *autonomia* da universidade não colide nem se sobrepõe com a das suas unidades orgânicas, seguindo o princípio da subsidiariedade.

2. Afirmar a U.Porto como Universidade de investigação, onde se produz e difunde o conhecimento e se inova nas formas de intervenção, nas várias áreas do saber. A diversidade e o respeito pela igual dignidade de cada uma das suas componentes é a condição essencial para afirmar a U.Porto na sua riqueza interna e na sua capacidade de inovação. É graças a ela que se concretiza a abertura ao mundo e a intervenção na comunidade.

3. Defender um ensino de qualidade, capaz de responder às expetativas e aspirações de estudantes, mas atento às transformações e desafios da sociedade. Um ensino de qualidade implica o trabalho individual de cada docente, mas valoriza a parceria e a colaboração entre docentes e políticas de incentivo à inovação, muito para além da regulamentação burocrática.

4. Uma Universidade inclusiva, que apoia a progressão de tod@s @s estudantes, com dificuldades económicas, com incapacidades, com origem imigrante ... Uma Universidade aberta à sociedade e a grupos diversos de cidadãos, aos melhores estudantes, venham de onde vierem. Que vê o abandono como inaceitável e propõe soluções de proximidade que favoreçam a manutenção nos cursos e a qualidade das aprendizagens.

5. A U.Porto como um lugar que cuida e promove a realização das pessoas que aqui trabalham, que valoriza as condições de trabalho e o bem-estar de docentes, investigadores e pessoal não docente – reconhecendo que todos, mas todos, são a “Universidade”. E que a sustentabilidade desta universidade depende de uma imprescindível renovação geracional de quem nela trabalha.

6. Uma clara oposição a lógicas de centralismo do poder e de diminuição da transparência e da prestação de contas dos órgãos dirigentes da U.Porto e das suas faculdades. A defesa de uma Reitoria que se concentre na orientação estratégica, na monitorização e na auditoria.

7. A crença de que o Conselho Geral é um lugar de monitorização, controlo, discussão e crítica das políticas da Universidade e exige representantes dos docentes independentes, informados, com consciência cívica e comprometidos com a Universidade como um todo.

